

Desvio nas operações do Security Pacific

por Peter Truell
da AP/Dow Jones

Um grande júri federal em Nova York está investigando a denúncia feita pelo Banco Security Pacific de que seu funcionário Antonio Angotti desviou milhões de dólares na venda de títulos da dívida do Terceiro Mundo com o banco para a Fintech Inc. e outros compradores.

"O montante desviado poderia facilmente chegar a US\$ 25 milhões", informa o relatório de 90 páginas, datado de 27 de fevereiro de 1989, dirigido a Robert Smith, executivo-chefe da Security Pacific. O relatório, preparado por outros operadores de dívida do banco com a ajuda de um advogado, reconstrói a venda de US\$ 416,4 milhões de débitos do Brasil, México, Argentina, Chile, Venezuela, Filipinas e outros países — operações nas quais a Fintech era freqüentemente compradora.

O preço de venda, abaixo do mercado, e a rápida revenda pelas cotações de mercado são "conclusivas para indicar uma atividade criminosa", segundo o relatório.

O Swiss Bank Corp., parceiro em algumas operações, confirmou a intimação do tribunal para depor, embora não haja evidência de que ele tenha agido de má-fé. Pessoas próximas ao caso dizem que foram

feitas intimações também ao Security Pacific e à Fintech, assim como aos escritórios de Nova York do Nederlandsche Middelstandsbank (NMB).

Angotti, que entrou para o serviço de política da dívida internacional e assuntos latino-americanos, na Casa Branca, refuta qualquer infração. "O Security Pacific fez uma investigação abrangente e completa e verificou que nosso cliente não estivera envolvido em nenhum tipo de ilegalidade", diz sua advogada, Rita Hauser. "Nosso cliente deixou o banco para assumir uma consultoria na Casa Branca e sua saída foi em termos amigáveis e corretos. "Rita Hauser não quis fazer maiores comentários. Quando deixou a Security Pacific, Angotti e o banco chegaram a um acordo que nenhuma das partes quis esclarecer.

Isam Salah, advogado da Fintech, disse que refuta qualquer insinuação de que "a Fintech ou seus dirigentes tenham se envolvido em atividades ilegais". Ele disse também que havia "imperfeições materiais e sérias" na acusação dos operadores da Security Pacific.

O Security Pacific, que anunciou nesta semana que iria fechar seu banco de investimentos, do qual Angotti fizera parte, e que registrou um prejuízo de pelo menos US\$ 320 milhões no

quarto trimestre deste ano, não quis fazer comentários sobre Angotti e suas atividades no banco.

A investigação aparentemente é a primeira a ser feita pelas autoridades no nebuloso mercado de empréstimos a países em desenvolvimento, onde bilhões de dólares em papel são negociados com descontos de muitos centavos por dólar. O Federal Reserve (Fed), banco central norte-americano, também iniciou recentemente um exame de registros de algumas das maiores operações de "trading" em Nova York.

As autoridades mexicanas, investigando possíveis evasões fiscais e outras suspeitas de práticas ilegais relacionadas com processos de reestruturação das dívidas, acompanha atentamente as investigações norte-americanas do mercado secundário. O México, na verdade, recebeu recentemente garantias do governo Bush de que qualquer inquérito norte-americano não prejudicaria o México.

As suspeitas no caso Angotti ilustram apenas um tipo de ilegalidade que se acredita generalizadamente que ocorre neste mercado de dívida de países em desenvolvimento, um bazar mundial quase totalmente invisível às autoridades fiscalizadoras. Não há bolsa, acompanhamento oficial, não há normas por escrito, nem sistema de registro. E a amplitude da atividade no exterior, envolvendo firmas estrangeiras e subsidiárias de empresas norte-americanas, coloca a maior parte das operações fora do alcance legal das autoridades norte-americanas.

Havia um conflito de interesses inerente desde os primeiros dias de funcionamento do mercado, que tomou corpo quando o Citicorp, em maio de 1987, estabeleceu uma provisão de US\$ 3 bilhões para perdas com empréstimos ao Terceiro Mundo. Ele e outros bancos começaram a negociar os empréstimos com corretoras, investidores e outros bancos a preços com desconto. Mas, à medida que os bancos empreendiam delicadas negociações de reescalonamento da dívida com os países devedores, eles continuavam negociando os mesmos empréstimos, cujo valor poderia subir ou descer segundo o que ocorresse na mesa de negociações.

Mas raramente as transações foram tão selvagens quanto no caso Security Pacific, a julgar pela evidência acumulada pelos ex-colegas de Angotti. O material foi entregue ao grande júri, segundo pessoas próximas ao caso.

A Security Pacific criou seu departamento de negociações com dívida de países em desenvolvimento no começo de 1988, com duas finalidades em mente. Ele poderia ajudar a companhia a vender seletivamente seus empréstimos abalados num mercado secundá-

rio, da mesma forma que os tomadores vendem hipotecas, auto-empréstimos e outras formas de dívidas. Secundariamente, a unidade poderia especular no mercado secundário, com esperança de recuperar parte dos prejuízos lançados no portfólio de dívida do Terceiro Mundo do banco, que em seu auge chegou perto de US\$ 2 bilhões.

O Security Pacific contratou Angotti, que tinha lidado com vendas de empréstimos norte-americanos no Citibank e também tivera uma rápida passagem pela corretora Bear, Stearns & Co. Angotti logo recebeu o reforço de três outros operadores no departamento, que estava sediado em Nova York.

Em 18 de maio, depois de uma série de negócios que seus colegas consideraram, particularmente, questionáveis, Angotti anunciou que tinha acabado de vender US\$ 120,5 milhões de dívida mexicana.

Seus colegas ficaram espantados. A venda era enorme. Angotti explicou que o Swiss Bank estava trocando dívida brasileira por dívida mexicana, mas aparentemente mostrou-se reticente sobre outros aspectos do negócio.

O assunto ficou calmo por mais de duas semanas até que um colega de Angotti encontrou-se em Londres com representantes do Libra Bank plc, que então operava no mercado da dívida. Os representantes do Libra estavam muito aborrecidos, lembra ele no relatório interno. Eles o informaram, para sua surpresa, que o Libra fora o comprador da maior parte daqueles US\$ 120 milhões de dívida mexicana. Por que, perguntaram eles, a Security Pacific tinha realizado a venda através de uma firma de corretagem chamada Fintech? Por que deveria a Security Pacific

pagar uma comissão desnecessária a uma terceira parte quando o departamento de "trading" seria perfeitamente capaz de realizar sozinho a venda?

De volta a Nova York, o colega fez a mesma pergunta a Angotti, que respondeu que trouxera a Fintech para o negócio para esconder o fato de que o Security Pacific estava vendendo. Era engraçado, disseram depois os representantes do Libra. A Fintech informara dissera sem nenhum recato sobre a origem da dívida mexicana. Salah, o advogado da Fintech, questionou firmemente o relato da transação.

Os três colegas de Angotti reuniram provas contra ele durante meses e em 27

de fevereiro de 1989 decidiram tocar o apito. Seu relatório incluía uma análise de 15 transações com a Fintech, Swiss Bank e NMB, freqüentemente envolvidos no lado comprador, que eles julgavam apresentar irregularidades.

O relatório foi entregue ao "chairman" do banco, Smith. Angotti foi chamado ao escritório da direção para consultas. Seus três colegas foram instruídos a parar de negociar, mas a manter presença no mercado conversando intermitentemente com seus contatos comerciais. Em abril, depois de semanas de situações indefinidas, os operadores foram convidados a limpar suas escriturinhas. A unidade estava fechada. Ela tinha vendido cerca de US\$ 1,3 bilhão do portfólio de dívida do Terceiro Mundo da Security Pacific.

Angotti deixou o banco no verão de 1989 e foi nomeado como um dos 14 conselheiros da Casa Branca para o programa 1989-90. Ele trabalhou inicialmente no departamento de Lawrence Eagleburger, vice-secretário de Estado, e depois no escritório de política da dívida internacional do Departamento do Tesouro. "Ele era muito agradável e muito brilhante", diz Bruce Hasenkamp, um administrador hospitalar da Califórnia e ex-consulador da Casa Branca, que ajudou a escolher a equipe de 1989. Angotti, diz ele, "planejou algumas técnicas realmente inovadoras para se lidar com a dívida do Terceiro Mundo".